



## **A AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA FRENTE À EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO**

**RÖHNELT, Priscila Barcelos Cardoso<sup>1</sup>**

**SALAMONI, Giancarla<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Mestranda em Geografia pela FURG. prirohnelt@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Professora Adjunta do Departamento de Geografia da UFPEL. gi.salamoni@yahoo.com.br

### **1. INTRODUÇÃO**

O texto traz em seu conteúdo as principais mudanças acarretadas em face da inserção da globalização e suas conseqüências no contexto da agricultura da América Latina. Abordando a expansão agroindustrial, desde sua etapa de industrialização em substituição as exportações, as políticas públicas de modernização da agricultura, que implicarão em uma crescente integração dos produtores rurais aos componentes do segmento urbano-industrial, sendo que os primeiros assumem uma posição de dependência e subordinação frente às decisões tomadas pelo capital comercial e industrial.

### **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

O agronegócio se caracteriza, principalmente, por destinar a produção para a exportação de *comodities* (matéria-prima em estado bruto), desenvolver monoculturas a partir do uso intensivo de insumos químicos e maquinários. Desse modo, a agricultura, atividade outrora autônoma e independente, agora passa a ser integrada a indústria que produz para a agricultura – maquinários, insumos – por um lado, e, por outro lado, perde sua autonomia no que tange ao que produzir, quanto e como produzir, já que são firmados contratos de compra e venda com a indústria processadora da produção.

Essa representação explicita a configuração sócio-produtiva do Complexo Agroindustrial – CAI, que tem como atores principais: a indústria que produz maquinários e insumos químicos para a agricultura (setor a montante), o produtor integrado a este complexo de relações e a agroindústria (setor a jusante) que processa a produção e a distribui para o mercado consumidor. Cabe, ainda, evidenciar o papel efetivo do Estado, a partir da mediação representada pelas políticas de crédito agrícola, incentivos fiscais para a indústria e investimentos públicos em infraestrutura. O CAI é entendido por Teubal (2008) como:

[...] a cadeia agro-alimentícia, a que se ocupa da transformação técnica de processos que vão da semente à mesa do consumidor. Compreende a produção agropecuária, sua comercialização, o processamento industrial, a distribuição e o consumo final de alimentos. Contempla essencialmente os agentes socioeconômicos que participam destes processos e as formas com que se articulam entre si. (TEUBAL, 2008, p. 141)

Vale ressaltar, que a análise da modernização da agricultura, conhecida como Revolução Verde, modelo de desenvolvimento inserido no contexto mundial nos anos 50, e que no Brasil teve seu auge de adoção nos anos 60, fornece os indicadores quali-quantitativos para que se compreenda os impactos sociais, técnicos, econômicos e ambientais sobre os espaços agrários.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A adoção de pacotes tecnológicos a fim de aumentar a produtividade agrícola, preconizada pela Revolução Verde, trouxe consigo um rol de transformações as quais acarretaram a elevação dos índices de produtividade agrícola, mas, também, mudanças nas relações da sociedade com a natureza, expressas nas relações sociais de trabalho e na lógica de produção e de comercialização dos produtos agrícolas.

E, é nesse complexo que se insere o produtor familiar camponês, cuja racionalidade é sintetizada pela afirmação de Wanderley (1989) “Trabalhar para si, como os seus, no que lhe pertence”. Por outro lado, os empresários urbano-industriais, constituintes do complexo, objetivam a maximização de lucros, e encontram no campesinato integrado uma possibilidade de eliminar gastos com a renda da terra e com a mão-de-obra, visto que, o produtor de racionalidade camponesa não repassa estes custos ao preço do produto final. Portanto, a lógica empresarial vê nestes agricultores um lócus apropriado para garantir taxas de lucro capitalista por parte do

segmento industrial e comercial em detrimento dos rendimentos contabilizados pelos camponeses. Sendo assim, ainda mesmo que contraditório, o campesinato contribui para a expansão do agronegócio na América Latina, justamente por manter características necessárias a sua própria reprodução:

O sistema agrícola do agronegócio é distinto do sistema agrícola do campesinato. No sistema agrícola do agronegócio, a monocultura, o trabalho assalariado e produção em grande escala são algumas das principais referências. No sistema agrícola camponês, a biodiversidade, a predominância do trabalho familiar e a produção em pequena escala são algumas das principais referências. (FERNANDES; WELCH, 2008, p.49)

Tal interpretação denota que o sistema da agricultura familiar camponesa não faz parte do sistema da agricultura do agronegócio, todavia, o camponês vê-se atrelado a expansão do agronegócio à medida que o capital controla a tecnologia, o mercado e as políticas agrícolas.

O campesinato pode produzir a partir do sistema do agronegócio, contudo, dentro dos limites próprios das propriedades camponesas, no que se refere à área e escala da produção. Evidente que a participação do campesinato no sistema agrícola do agronegócio é uma condição determinada pelo capital. (FERNANDES; WELCH, 2008, p. 49)

O camponês, definido por Teubal (2008) como produtor familiar, atrela-se ao Complexo Agroindustrial para ter a garantia de comercialização dos seus produtos cultivados. Pois, via de regra, antes de aderirem ao CAI, quando não possuíam contrato de venda garantida, perdiam sua produção, ou por receberem preços inferiores aos custos, ou por não ter mercado consumidor certo. Assim, a integração aos complexos representa uma alternativa para se manter e se reproduzir socioeconomicamente, com o seu grupo familiar, no campo. Conforme esclarecem Fernandes e Welch (2008):

A unidade camponesa é condição essencial para a produção de sua existência e da produção de alimentos. Compreender o campesinato como um sistema, não significa ter uma visão mecânica, mas sim considerar a estrutura e as dimensões que compreende seu modo de vida, a partir de seu território, sua cultura, seus valores, suas formas de luta e resistência no enfrentamento com o capital, condições necessárias para continuar sendo camponês. (FERNANDES; WELCH, 2008, p. 49)

Ainda, Teubal (2008) apresenta a globalização como uma etapa do desenvolvimento do capitalismo mundial, a qual acarreta mudanças que foram sendo efetuadas em etapas, como por exemplo, a revolução verde, como um primeiro processo de abrangência global sobre a agricultura, e atualmente a revolução biotecnológica,

expressa a partir do advento dos organismos transgênicos presentes nos espaços agrícolas de, praticamente, todo o mundo. Fernandes (2008) analisa o caso da soja Argentina, que se traduz pelo cultivo moderno, integrado aos complexos agroindustriais, e fundamentado em um “pacote tecnológico” que torna sua produção altamente dependente de segmentos externos a agricultura. E, esta dependência é exacerbada com a soja transgênica e a ligação desta com as patentes da indústria a montante – a Monsanto, tornando o produtor “prisioneiro” do pagamento de *royalties*. Nesse caso, a monocultura da soja denota a configuração no campo, cada vez mais, de uma agricultura sem agricultores, caracterizada por intensa mecanização na produção, diminuindo o número de “braços” de mão-de-obra envolvidos no processo de cultivo. E, ainda, traz como conseqüências: a) alto grau de dependência; b) perda de segurança alimentar; c) deterioração ambiental; d) expulsão dos pequenos e médios produtores do campo, ocasionando o êxodo rural;

#### 4. CONCLUSÕES

A agricultura é uma atividade sócio-territorial por excelência, pois, implica em intensa relação do homem com o meio. A construção de diferentes territorialidades é resultado das características intrínsecas das organizações socioespaciais, fruto da imbricação da natureza com o trabalho humano, mediado pelo meio técnico-científico e informacional de cada sociedade. As intensas transformações nos arranjos produtivos, principalmente nas últimas décadas, com o advento do processo de globalização, têm revelado novos atores sociais e novas configurações no espaço rural, em diferentes lugares do planeta. Entretanto, observa-se a permanência funcional do segmento da agricultura familiar camponesa, simultaneamente à expansão do segmento empresarial do agronegócio.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERNANDES, Bernardo Mançano; WELCH, Clifford Andrew. Campesinato e Agronegócio da Laranja nos EUA e Brasil. In: FERNANDES, Bernardo Mançano (Org.). **Campesinato e Agronegócio na América Latina: A Questão Agrária Atual**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p.45-69.
- TEUBAL, Miguel. O Campesinato Frente à Expansão dos Agronegócios na América Latina. In: PAULINO, et al. **Campesinato e Territórios em Disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p.139-159.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Trajetória Social e Projeto de Autonomia:** os produtores de algodão da região de Campinas, São Paulo. Campinas: UNICAMP, 1988. 162p.